

## **AVALIAR NOS ESPAÇOS DE EDUCAÇÃO NÃO FORMAL: POSSIBILIDADE PARA UMA FORMAÇÃO CIDADÃ E LIBERTADORA ATRAVÉS DA AVALIAÇÃO COMO PROJETO DE APRENDIZAGEM**

Elisete Sabino de Oliveira - UNIRIO

Luiza Bouzon Salamoni - UNIRIO

Claudia de O. Fernandes - UNIRIO

### **RESUMO**

O estudo em andamento é uma pesquisa de mestrado, direcionada a compreender e analisar as práticas de avaliação para as aprendizagens nos espaços de educação não formal. O campo de pesquisa é a Biblioteca Paulo Freire, que é uma ação voluntária da sociedade civil organizada, desenvolvida pelo Coletivo Conscientizar, Organizar, Educar (Coe). A investigação focaliza seus estudos no projeto Coe Cultural, que desenvolve atividades de leitura, escrita, arte e cultivo de horta em pequenos espaços, direcionadas para adolescentes na faixa etária de 12 a 18 anos. A pesquisa objetiva compreender o processo de ensino e aprendizagem desenvolvido no projeto, identificando as práticas avaliativas vivenciadas pelos adolescentes participantes. Visa também a elaborar uma análise da concepção de educação e avaliação desses educandos, contribuindo e possibilitando uma cultura avaliativa na qual a avaliação seja parte dos processos das aprendizagens, não um mero atributo de notas. De abordagem qualitativa, a investigação ancora-se nos estudos da *avaliação como projeto de aprendizagem* de Fernandes (2014; 2020) e da *avaliação como prática de investigação* de Esteban (2013). Na perspectiva de educação não formal, usa-se Gohn (2009) e Gadotti (2005) como referências. Nas atividades de campo, pretende-se interagir com os educandos a partir de entrevista semiestruturada, roda de conversa e observação participante.

**Palavras-chave:** Avaliação para as aprendizagens, Espaço de educação não formal, Diálogo.

### **INTRODUÇÃO**

O estudo consiste em uma pesquisa participante desenvolvida na Biblioteca Paulo Freire, instituição de ação voluntária da sociedade civil organizada, gerida pelo Coletivo Conscientizar, Organizar, Educar (Coe). A biblioteca é um espaço de educação não formal, localizada na região da zona norte da cidade do Rio de Janeiro, precisamente no Complexo do Chapadão. Os sujeitos participantes do estudo são adolescentes de 12 a 18 anos, educandos do projeto Coe Cultural. Tal projeto desenvolve atividades de escrita, leitura, arte e oficina de horta em pequenos espaços.

A investigação pretende compreender e analisar a avaliação para as aprendizagens em espaços de educação não formal com as seguintes questões: identificar as práticas avaliativas



XXII ENCONTRO

vivenciadas pelos adolescentes participantes do projeto, elaborar uma análise da concepção de educação e avaliação desses educandos e contribuir com o cultivo da avaliação para aprender.

O contexto neoliberal de avaliação trata a qualidade da educação como competitividade, empreendedorismo e flexibilidade (Fernandes; Nazareth, 2011). Nesse sentido, é possível que essas influências operem nos espaços de educação não escolar ou eles escapam dessa avaliação? Além disso, o que os espaços de educação não escolar têm a contribuir em termos de práticas avaliativas?

Parece relevante tanto para a formação profissional docente quanto para a formação do educador social compreender que mecanismos estiveram e estão envolvidos na constituição da avaliação em uma *pedagogia do exame* (Barriga, 2000) para, a partir disso, construir “a ideia de que se avalia para aprender” (Fernandes, 2014), tanto nos espaços de educação não escolar como escolar.

## **METODOLOGIA**

O local onde acontecerá essa vivência será na Biblioteca Paulo Freire, fundada em 2006 por um grupo de jovens amigos que, incomodados com a situação social, econômica, política e cultural do território do Complexo do Chapadão, perceberam a necessidade de criar ações que resgatassem a importância do livro, da leitura, da arte e da cultura na comunidade.

Desde então, a instituição atua promovendo a leitura, a arte e a educação, desenvolvendo ações coletivas que contribuem para o desenvolvimento de crianças, adolescentes, jovens e adultos através de quatro projetos: a Festa Literária do Complexo do Chapadão (FLICC), a Biblioteca Paulo Freire, o Agroecológico Quintal Escola Chico Mendes e o Coe Cultural.

Atualmente, a instituição tem se concentrado no projeto Coe Cultural, que desenvolve atividades voltadas para um grupo de dez adolescentes na faixa etária de 12 a 18 anos. Os encontros ocorrem uma vez na semana com período de três horas de duração. A dinâmica do encontro acontece ao redor de um tema, estabelecido pelos educadores ou que tenha surgido das relações entre os educandos. A instituição, enquanto espaço de educação não formal, busca proporcionar aos participantes a possibilidade de atuarem na sociedade coletivamente através de quatro pilares: responsabilidade, protagonismo, autonomia e emancipação.

O levantamento de dados da pesquisa consiste em quatro etapas: revisão bibliográfica, entrevista semiestruturada, roda de conversa e observação participante. O processo de investigação de campo será realizado uma vez por semana nos meses de maio, junho, julho e



XXII ENCONTRO NACIONAL DE DIDÁTICA E PRÁTICAS DE ENSINO

agosto, totalizando 17 encontros. Desses, nove serão encontros de rodas de conversa e oito serão entrevistas individuais. Para o registro dos dados, utilizaremos os recursos de diário de campo, fotografias, vídeos e áudios. A pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (CEP UNIRIO).

## **REFERENCIAL TEÓRICO**

Ao longo dos anos, a avaliação escolar foi constituída pelo Estado e pelo neoliberalismo como uma prática de controle, tornando, assim, a avaliação um instrumento de exclusão social e o trabalho docente um mero treinamento para os exames de larga escala (Barriga, 2000). A fim de superar tais concepções, pesquisadores e pesquisadoras propõem práticas avaliativas mais coerentes com uma perspectiva democrática (Fernandes, 2014; Esteban, 2013). Assim, parece que as implicações para desenvolver práticas avaliativas para aprender, e não medir, depende de concepções pedagógicas, perspectivas epistemológicas e de que tipo de sociedade queremos (Fernandes, 2015).

## **RESULTADOS E DISCUSSÃO**

Concordando com Gohn (2009, p. 32), compreendemos que o espaço de educação não formal “é um espaço concreto de formação com aprendizagem de saberes para a vida em coletivos”. O termo “não formal”, na perspectiva de Gadotti (2005), não significa uma oposição à educação formal. Nos seus estudos, o autor diferencia duas perspectivas de educação: 1) a educação formal é aquela desenvolvida em escolas e universidades, tem diretriz educacional centralizada, uma estrutura hierárquica e burocrática e as determinações são desenvolvidas por um órgão fiscalizador do ministério da educação; 2) a educação não formal é mais difusa, menos hierárquica e menos burocrática, é flexível, não segue um roteiro e o tempo e o espaço da aprendizagem respeitam as diferenças. Nessa perspectiva, a pesquisa busca acompanhar os processos de ensino e aprendizagem dos educandos que participam do Projeto Coe Cultural.

Em seus estudos, Fernandes (2014, 2015, 2020) e Esteban (2013) concordam que a avaliação para as aprendizagens deve constituir-se como prática de inclusão. Ambas compreendem que pesquisar e discutir a avaliação só tem sentido se a questão estiver atravessada pela reflexão do fracasso/sucesso escolar e inclusão/exclusão (Esteban, 2000) e se relacionar as práticas avaliativas com a nossa concepção de educação escolar e sua função social.

Por razões históricas e sociais, a avaliação para as aprendizagens transformou-se em uma prática de controle, em que “o desenvolvimento técnico da avaliação é uma consequência da tentativa de ampliar a eficácia do sistema [...] A avaliação vai se distanciando do processo de ensino-aprendizagem, ressaltando sua função de controle social mediado pela prática pedagógica” (Esteban, 2013, p. 100).

Uma de nossas inquietações, observadas no Coletivo Coe, decorre da seguinte pergunta: é necessário saber o que eles/elas (educandos) sabem sobre o que foi ensinado? Como saber o que eles/elas sabem? Nesse sentido, compreendemos que a avaliação para as aprendizagens nos espaços de educação não formal só faz sentido se estiver atravessada pela nossa concepção de cidadão e o seu papel social no mundo. Que cidadãos queremos formar?

### **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A escrita deste texto buscou refletir sobre o processo de avaliação para as aprendizagens nos espaços de educação não formal. Para isso, apresentamos que os espaços de educação não formal envolvem aprendizagens de saberes para a vida e na relação com o outro. No entanto, um dos desafios da pesquisa é compreender o processo de avaliação para as aprendizagens dos sujeitos inseridos nesse contexto de educação. Buscamos, então, em Fernandes (2014, 2020) e Esteban (2013), compreender que a avaliação para as aprendizagens exige coerência e compromisso.

Não existe uma única forma de conceber e praticar a avaliação, existem diversas concepções e perspectivas e elas estão relacionadas com a nossa forma de ver o mundo (Fernandes, 2020). A pesquisa permite compreender que a avaliação para as aprendizagens nos espaços de educação não formal ou formal exige práticas dialógicas e democráticas que possibilitem cultivar “a ideia de que se avalia para aprender” (Fernandes, 2014).

### **REFERÊNCIAS**

BARRIGA, Ángel Diaz. Uma polêmica em relação ao exame. *In*: ESTEBAN, M. T. (Org.) *Avaliação: uma prática em busca de novos sentidos*. Rio de Janeiro: DP&A, 2000. p. 51-82.

ESTEBAN, Maria Teresa. *O que sabe quem erra?: reflexões sobre avaliação e fracasso escolar*. 3. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2013.

ESTEBAN, Maria Teresa. Avaliação no cotidiano escolar. *In*: ESTEBAN, Maria Teresa (org.) *Avaliação: uma prática em busca de novos sentidos*. 2. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2000. p.7-28.



XXII ENCONTRO NACIONAL DE DIDÁTICA E PRÁTICAS DE ENSINO

FERNANDES, Cláudia de Oliveira; FREITAS, Luiz Carlos de. *Indagações sobre currículo: currículo e avaliação*. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2007. v. 44. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/Ensfund/indag5.pdf>. Acesso em: 14 jun. 2024.

FERNANDES, Cláudia de Oliveira; NAZARETH, Henrique Dias Gomes. A retórica por uma educação de qualidade e a avaliação de larga escala. *Impulso*, Piracicaba, v. 21, n. 51, p.63-71, 2011. Disponível em: [www.metodista.br/revistas/revistas-unimep/index.php/impulso/article/view/526](http://www.metodista.br/revistas/revistas-unimep/index.php/impulso/article/view/526) Acesso em: 31 jun. 2021.

FERNANDES, Cláudia de Oliveira. Por que avaliar as aprendizagens é tão importante? In: FERNANDES, Cláudia de Oliveira (Org.). *Avaliação das aprendizagens: sua relação com o papel social da escola*. São Paulo: Cortez, 2014. Disponível em: <https://smeduquedecaxias.rj.gov.br/smeportal/wp-content/uploads/2020/09/Por-que-avaliar-as-aprendizagens-e-tao-importante-1.pdf>. Acesso em: 8 maio 2024.

FERNANDES, Cláudia de Oliveira. Avaliação, currículo e suas implicações: projetos de sociedade em disputa. *Retratos da Escola*, Brasília, DF, v. 9, n. 17, 2016. Disponível em: <https://retratosdaescola.emnuvens.com.br/rde/article/view/588>. Acesso em: 8 maio 2024.

FERNANDES, Cláudia de Oliveira. O desafio é transformar a avaliação em um projeto de aprendizagem. In: CRUZ, Giseli Barreto da; FERNANDES, Cláudia de Oliveira; FONTOURA, Helena Amaral da; MESQUITA, Silvana (Orgs.). *Didática(s) entre diálogos, insurgências e políticas*. 1. ed. Petrópolis: DP&A, 2020. v. 1, p. 145-155. Disponível em: [e  
searchgate.net/profile/Alessandra-Maciel-5/publication/346098249\\_DOCENCIA\\_UNIVERSITARIA\\_CAMINHOS\\_DA\\_FORMACAO\\_SABERES\\_E\\_DAS\\_PRATICAS\\_DE\\_ENSINO\\_NO\\_CURRICULO\\_E\\_NA\\_AVALIACAO/links/5fbba5d9a6fdcc6cc65cefc9/DOCENCIA-UNIVERSITARIA-CAMINHOS-DA-FORMACAO-SABERES-E-DAS-PRATICAS-DE-ENSINO-NO-CURRICULO-E-NA-AVALIACAO.pdf](https://searchgate.net/profile/Alessandra-Maciel-5/publication/346098249_DOCENCIA_UNIVERSITARIA_CAMINHOS_DA_FORMACAO_SABERES_E_DAS_PRATICAS_DE_ENSINO_NO_CURRICULO_E_NA_AVALIACAO/links/5fbba5d9a6fdcc6cc65cefc9/DOCENCIA-UNIVERSITARIA-CAMINHOS-DA-FORMACAO-SABERES-E-DAS-PRATICAS-DE-ENSINO-NO-CURRICULO-E-NA-AVALIACAO.pdf). Acesso em: 8 abr. 2023.

GADOTTI, M. *A questão da educação formal/não-formal*. Sion (Suíça): Institut International des Droits de l'enfant-IDE, 2005. Disponível em [https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/5633199/mod\\_resource/content/1/eudca%C3%A7%C3%A3o%20n%C3%A3o%20formal\\_formal\\_Gadotti.pdf](https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/5633199/mod_resource/content/1/eudca%C3%A7%C3%A3o%20n%C3%A3o%20formal_formal_Gadotti.pdf). Acesso em: 3 jun. 2024.

GOHN, Maria Gloria. Educação Não-Formal e o Papel do Educador (a) Social. *Revista Meta: Avaliação*, Rio de Janeiro, v. 1, n. 1, p. 28-43, jun., 2009. Disponível em: <https://revistas.cesgranrio.org.br/index.php/metaavaliacao/article/view/1>. Acesso em: 3 jun. 2024.